

ESTRATÉGIAS

SBPC critica projeto

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgou uma carta sugerindo mudanças no projeto de lei sobre biodiversidade e recursos genéticos aprovado na Câmara dos Deputados no dia 10 de fevereiro. Agora ele será apreciado pelo Senado. No documento, a entidade crítica o cerceamento de direitos de certos grupos na repartição de benefícios resultantes do acesso ao conhecimento ligado ao patrimônio genético. “O projeto reconhece o direito de populações indígenas, comunidades tradicionais e pequenos agricultores de participar da tomada de decisões, mas isenta, em muitos casos, empresas e pesquisadores da obrigação de repartir os benefícios, que é a compensação econômica ao detentor do conhecimento tradicional associado à biodiversidade”, explica Helena Nader, presidente da SBPC. De acordo com o deputado federal Alceu Moreira (PMDB-RS), relator do projeto, as reuniões que antecederam à votação na Câmara tiveram a participação de entidades representativas, como

a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). “Não fizemos uma assembleia aberta por se tratar de um tema técnico”, diz. Outro aspecto destacado na carta da SBPC é que a repartição dos benefícios só será aplicada sobre a comercialização de produtos acabados – o que isenta empresas e pesquisadores de darem compensações antes de se chegar a um produto comercial. A SBPC questiona ainda um tópico da lei que dá a instituições estrangeiras acesso à biodiversidade brasileira, para fins de pesquisa, sem precisar se associar a uma instituição nacional, como prevê a legislação. “Isso é preocupante”, diz Helena Nader.



Benefícios da parceria

Alunos de doutorado da África que têm a oportunidade de obter duplo diploma em parcerias com universidades europeias multiplicam suas chances de publicar mais artigos científicos, diz um estudo publicado na revista *PLoS Medicine*. A pesquisa também mostra que as colaborações melhoram os procedimentos administrativos das instituições envolvidas. Para chegar a tais conclusões, foi

analisado um acordo de cooperação na área da saúde firmado entre a Universidade Makerere, em Uganda, e o Instituto Karolinska, na Suécia. De acordo com o estudo, a parceria permitiu a troca de experiências em colaborações científicas e em procedimentos para facilitar o apoio à pesquisa, além de inspirar mudanças em políticas de saúde em Uganda. Stefan Peterson, professor do Instituto Karolinska e coautor do trabalho, disse ao *site SciDev.net* que a cooperação não gerou fuga de cérebros, isto é, todos os alunos africanos que estiveram no país europeu retornaram para casa. Em 10 anos, a parceria formou 44 doutores e levou à publicação de mais de 500 artigos científicos – a maioria com um ugandense como primeiro autor.

Alunos da Universidade Makerere e do Instituto Karolinska: colaboração



Ar fresco na China

O presidente da Universidade Tsinghua, de Pequim, Chen Jining, foi escolhido para o posto de maior destaque no Partido Comunista vinculado ao Ministério de Proteção Ambiental na China. A nomeação sinaliza que ele deve assumir o comando do ministério em março, quando o titular, Zhou Shengxian, vai se aposentar. Caso seu nome seja confirmado, Jining colocará sua experiência em pesquisa ambiental a serviço de um dos maiores desafios da China: reduzir massivamente a poluição do ar, da água e do solo, agravada nas últimas décadas pela forte industrialização do país. Professor do Departamento de Ciência e Engenharia Ambiental em Tsinghua, suas áreas de pesquisa são política ambiental, manejo de bacias hidrográficas e



Chen Jining: pesquisador cotado para o Ministério de Proteção Ambiental

idades sustentáveis. A China tem feito movimentos dúbios no campo do meio ambiente. Em 2008, transformou sua agência de proteção ambiental em ministério e vem criando parâmetros mais rígidos para o controle da poluição. Mas tais regulações são frequentemente ignoradas pelas indústrias. Para Ma Tianjie, diretor do Greenpeace para a Ásia Oriental, Jining é uma boa escolha para o ministério. “Há uma ânsia dos chineses por respirar um ar mais limpo”, diz. Segundo ele, Jining tem consistência científica e deve conseguir resultados.

Mutirão contra crise hídrica

Os reitores das universidades de São Paulo (USP), Estadual Paulista (Unesp), Estadual de Campinas (Unicamp), Federal de São Paulo (Unifesp), Federal de São Carlos (UFSCar) e Federal do ABC (UFABC) criaram um fórum com o objetivo de reunir pesquisas e desenvolver novas tecnologias para enfrentar a crise hídrica na região Sudeste do país. Em carta, os reitores colocam à disposição dos governos municipal, estadual e federal a experiência dos pesquisadores que se dedicam, nessas universidades, ao estudo dos recursos

hídricos, para melhor planejar a adaptação às ações gerais de contingência. “Ressaltamos o papel de nossas instituições frente à atual crise hídrica e declaramos que estamos articulados e mobilizados para propor ações conjuntas que visam enfrentar os cenários que se desenham em curto, médio e longo prazos”, diz a carta. Os reitores propõem a criação do Painel Técnico-acadêmico de Recursos Hídricos, para trabalhar em conjunto com governos, nos moldes do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC).

FOTOS: 1 LOUIS EVONGEIJER 2 QEPRIZE 3 NATIONAL AIR AND SPACE MUSEUM ILUSTRAÇÃO DANIEL BUENO



Objetos guardados por Armstrong: a câmera pode valer US\$ 1 milhão

Miudezas da viagem à Lua

Uma bolsa usada pelo astronauta norte-americano Neil Armstrong em sua histórica viagem à Lua, em julho de 1969, foi apresentada ao público no mês passado. O objeto foi encontrado em um armário pela viúva de Armstrong, Carol, após a morte dele em 2012. O conteúdo da sacola, que incluía uma câmera fotográfica, fios elétricos, correias e ferramentas, foi analisado por curadores

do Smithsonian National Air and Space Museum em Washington, Estados Unidos. A conclusão dos especialistas é de que a bolsa acompanhou mesmo Armstrong no módulo lunar Eagle, que pousou na superfície lunar. Armstrong, que viajou com os astronautas Buzz Aldrin e Michael Collins a bordo da Apollo 11, foi o primeiro homem a pisar na Lua. Transcrições de uma conversa entre Arms-

trong e Collins na época ajudaram a confirmar a autenticidade do material: “Aquilo é apenas um monte de lixo que queremos levar de volta – peças do módulo lunar e miudezas”, disse Armstrong. Um consultor em assuntos espaciais ouvido pela rede de televisão CBS, Bill Harwood, afirmou que somente a câmera alcançaria US\$ 1 milhão em leilões de relíquias históricas.